

UMA LEITURA LITERÁRIA DE DUAS ADAPTAÇÕES DO CLÁSSICO OS MISERÁVEIS SOB O VIÉS MÉTODO RECEPCIONAL

Claudineide Pereira de Oliveira ¹

RESUMO

Inicialmente, no Brasil, o direito à Educação era apenas para aquelas pessoas de classes mais abastadas, de modo que com o ensino de literatura não foi diferente, pois a leitura dos clássicos também era acessível só para este público. Neste contexto, a leitura literária servia para o indivíduo ter um bom comportamento, saber escrever e expressar-se bem. Hoje, esse cenário mudou e se busca ampliar e democratizar a leitura das obras literárias, inclusive a dos clássicos, por essa razão é importante estudarmos esse tema e sugerimos alternativas metodológicas para que as obras clássicas sejam lidas na escola por todos. Nessa perspectiva, uma forma de atrair o público leitor, em especial o infantojuvenil, é trabalharmos com obras adaptadas por apresentarem um volume menor, uma linguagem atual e edições mais recentes. Diante disso, este trabalho consiste, primeiramente, em analisarmos brevemente as adaptações da obra *Os Miseráveis*, realizada por Walcyr Carrasco (2011) e José Angeli (1998), com base nas categorias de análise da teoria de Gabriela Hardtke Bohm (2004). Em segundo lugar, apresentaremos uma proposta metodológica para ler o romance adaptado em sala de aula, fundamentando-o no Método Receptional, de Bordinie Aguiar (1988), para alunos do 3º ano do Ensino Médio. Procuramos, assim, envolver nosso público leitor a partir da sua vivência e experiência com a leitura literária, visando uma aprendizagem significativa a partir dos conhecimentos prévios, da sua realidade e experiência de mundo e de leitura, propondo atividades em redes sociais, como o podcast, que fazem parte do cotidiano da maior parte do nosso público-alvo.

Palavras - chave: Os Miseráveis, Adaptação, Método Receptional .

INTRODUÇÃO

Muitos anos se passaram e a educação em nosso país, principalmente em relação às crianças, evoluiu muito. Há uma grande preocupação que elas se sintam bem no ambiente escolar e lhes sejam garantidos o ensino de qualidade incluindo a Literatura e a leitura dos clássicos. Segundo Calvino (2007, p. 13), “a escola deve se responsabilizar pela apresentação de certo número de clássicos”, por essa razão é importante estudarmos esse tema e sugerirmos alternativas metodológicas para que essas obras sejam lidas na escola.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Picuí – PB, claudineide.olive@gmail.com

O ensino de Literatura tem raízes desde a implantação do ensino aqui no Brasil, em que a leitura dos clássicos era pautada para o uso da boa retórica, da poética e da boa gramática, que servia para um bom comportamento mediado pela escrita e “boa expressão”. Assim, o currículo do Colégio Pedro II – fundado em 1837, no Rio de Janeiro, foi um dos primeiros a receber a Literatura como disciplina, mantendo-a até os dias atuais (Coutinho, 1997).

Na contemporaneidade, percebemos a necessidade do trabalho com o público infantojuvenil a partir de obras clássicas, mas com uma linguagem mais atual, em edições mais recentes e algumas adaptadas para melhor atrair o leitor jovem. Uma forma de atingirmos esse objetivo é trabalharmos com adaptações, pois os seus textos baseiam-se na obra original, mas com o propósito de reduzir o volume para um texto menos extenso, de forma a não perder a sua qualidade:

(...) a leitura integral de um determinado clássico pode não atrair o leitor por inúmeros fatores, entre os quais a incompreensão da linguagem e o excesso de descrições que podem desagradar um leitor mais dinâmico. Por outro lado, o mesmo clássico pode ganhar a adesão desse leitor quando é transformado em outro objeto impresso – uma adaptação, por exemplo. A partir do momento que a adaptação, dispõe de outros protocolos de leitura, como acréscimo de ilustrações, simplificação da linguagem e outras mudanças tipográficas, ela está democratizando o consumo da leitura, logo, respeitando o gosto daqueles a quem se dirige ou a ela adequado (Formiga, 2009, p. 67).

O romance *Os miseráveis* (2007), do autor Victor Hugo, é uma obra clássica e publicada originalmente em francês (*Les Misérables*). Alguns autores brasileiros a traduziram e a adaptaram, como José Angeli (1998) e Walcyr Carrasco (2001). Neste trabalho, apresentamos uma proposta metodológica com base no Método Receptional (Bordini; Aguiar, 1988), a fim de realizar a leitura na íntegra do referido romance, especificamente no 3º ano do Ensino Médio. Para isso, sugerimos 5 (cinco) oficinas de aprendizagem, a partir das etapas: determinação do horizonte de expectativa, atendimento ao horizonte de expectativa, ruptura do horizonte de expectativa, questionamento do horizonte de expectativa e ampliação do horizonte de expectativa.

Pretendemos, ainda, analisar brevemente as adaptações da obra e, na fundamentação teórica, fazemos menção às discussões de Gabriela HardtkeBohm (2004), focalizando as categorias de análise “adaptar é acrescentar e substituir”, com o objetivo de compararmos as duas adaptações do romance em estudo. A escolha da obra se deu em virtude de ser um clássico da Literatura Universal, que já foi traduzido amplamente em todo o mundo, a exemplo, José Angeli e Walcyr Carrasco por possuir adaptações de fácil acesso voltadas ao público infantojuvenil e por já estar em domínio público. Nesse sentido, Formiga afirma que

As obras adaptadas foram direcionadas a um determinado público e espaço específico, a escola. Para tanto, os textos selecionados receberam um tratamento editorial que começa com a escola do clássico, com o nome do adaptador, do ilustrador e das demais pessoas que lidam com toda a produção e a circulação desse bem de consumo no mercado (Formiga, 2009, p. 67).

Acerca dos aspectos metodológicos, nossa pesquisa é classificada como bibliográfica, pois se baseia na leitura e discussão das obras citadas, e ocorre, de acordo com Prodanov e Freitas:

[...] quando elaborada a partir de material já publicado, construído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013, p. 59).

Este trabalho apresenta, além desta sessão, que faz uma pequena explanação sobre este texto, mais duas. A segunda consiste em analisarmos duas adaptações sob as categorias de análise “adaptar é acrescentar e substituir”, de Gabriela Bohm e, por último, sugerimos uma sequência de aulas para uma turma do 3º ano do Ensino Médio com o Método Receptional de Bordini e Aguiar (1988).

ROMANCE *OS MISERÁVEIS*: ADAPTAR É ACRESCENTAR E SUBSTITUIR

Antes de analisarmos as obras escolhidas para este estudo, é interessante conhecermos um pouco da vida e da obra dos seus autores, para melhor compreendermos o contexto em que elas foram produzidas.

De acordo com Carrasco (2001), Victor Hugo nasceu em 26 de fevereiro de 1802 e faleceu em 1885, na França. Com a separação dos pais, passou a morar em Paris devido à influência de sua mãe e o gosto pelos livros; aos 14 anos já recebia da academia francesa uma premiação por ter composto 334 versos. Em 1822 casa-se com Adèle Foucher e foi considerado um dos primeiros romancistas da França. Em 1830 escreveu *Hernâni*, o primeiro drama romântico, chegando ao auge de sua carreira como escritor com “*O Corcunda de Notre-Dame*”, sendo considerado um grande escritor por sua produção abranger versos, poemas, romances, entre outros.

Victor Hugo foi além das expectativas do público leitor daquela época, tendo suas obras consagradas até hoje, como *Os miseráveis*, em que denuncia a pobreza dos menos favorecidos e os descasos da época, deixando os seus personagens livres para expressar-se diante de tanta injustiça sofrida (Angeli, 1998).

José Angeli Sobrinho nasceu em 1938, em Aratiba-RS e morreu na cidade de Morretes-PR, em dezembro de 2012. O seu pai trazia muitos livros da Argentina e isso o proporcionou leituras de clássicos literários em diversas línguas, como francês, italiano, espanhol e português. Teve várias profissões, como radialista, fotógrafo, agrimensor, jornalista, redator de publicidade e, só depois, se tornou escritor. Após ter adaptado *Dom Quixote* pela editora Scipione, da série *Reencontro*, também lançou outras obras, como *Os Miseráveis*.

Segundo Ruth Rocha (*apud* Carrasco, 2001), Walcir Carrasco nasceu em Bernardino de Campos - SP em 1951, sendo criado em Marília. Escritor, seu primeiro livro publicado foi *Quando meu irmãozinho nasceu*, depois *A menina que queria ser anjo*, *Cadê o super herói?* *Abaixo o bicho papão*, *Quem quer sonhar*, *Meu encontro com papai Noel*.

Além de jornalista, adaptador, tradutor e teledramaturgo, adaptou os contos de Grimm, e os contos de Andersen. *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas (filho), *Os Miseráveis* de Victor Hugo, *D. Quixote*, de Cervantes, são apenas alguns exemplos de seu trabalho. Carrasco se dedica, ainda, a escrever minisséries e novelas (Zilberman, 2016).

Após conhecermos um pouco do contexto em que essas obras foram produzidas, fazemos uma breve análise comparativa entre elas, observando como ocorreu o processo de adaptação do romance selecionado.

Adaptar, segundo Gabriela Bohm (2004 *apud* AIRES, 2010, p. 79) requer pensar em dois pontos: “o que faz” e o “para quem se faz”, levando em consideração o que o emissor pretende repassar e a interpretação que o receptor terá da obra. Ela ainda listou três processos básicos que devem estar presentes na adaptação: “o objeto analisado, o sujeito alvo dessa adaptação, e o sujeito adaptador”. Nesse sentido, o objeto é o romance *Os miseráveis*, o público-alvo será as crianças e adolescentes e os adaptadores Walcyr Carrasco e José Angeli, pois analisaremos suas adaptações com foco no narrador, no quesito acrescentar e substituir.

A primeira premissa é “adaptar é acrescentar”, “não apenas no sentido escrito de quantidade, visto que um dos principais objetivos da adaptação de obras literárias é a redução do volume a ser lido, mas no de inserir outros elementos” (Aires, 2010, p. 79). Fazendo uma análise entre as duas obras, quanto ao quesito acrescentar, Walcyr Carrasco e José Angeli tratam do enredo de diferentes pontos de vista.

A adaptação de José Angeli é dividida por temas. Na adaptação de Walcyr Carrasco, o romance é organizado com algumas notas dos autores, como Lígia Cademartori (“um universo sem fim”) e dos editores. Apresenta um sumário com cinco partes, contendo ao todo vinte e um capítulos

Na adaptação de Angeli, a narrativa tem início com a apresentação de uma breve biografia de Victor Hugo. O enredo desponta com o narrador descrevendo a cidade, a pequena e pacata Dignes; um bispo que havia na cidade há muitos anos e, também, o quanto era bom e caridoso para com todos, chamado Carlos Francisco Benvindo Myriel (o bispo); sua irmã Bastitina e a criada Mangloire.

Na cena intitulada “peregrino”, o narrador antecipa-se descrevendo a chegada do forasteiro Jean Valjean, com a idade de aproximadamente cinquenta anos. Depois de procurar abrigo e comida e ser rejeitado, chega até à casa do pastor daquela cidade: “[...]”

Apesar de vestir andrajos notava-se ser alguém robusto, na força da idade, aparentando uns cinquenta anos [...]” (Angeli, 1998, p. 7).

Na adaptação de Walcyr, a primeira parte que compõe o capítulo 1 - Jean Valjean, há a descrição do protagonista: “[...] nos primeiros dias do mês de outubro um homem viaja a pé, era forte, de estatura mediana. Parecia ter de quarenta e cinco a cinquenta anos” (Carrasco, 2001, p. 10). O nome do protagonista principal é Jean Valjean, que ficou órfão e passou a morar com a sua irmã casada e com sete filhos, que mais tarde fica viúva. Eles passam a trabalhar para sustentar os sobrinhos; depois de alguns anos, um dia, não encontrando nada para comer, quebra uma vidraça de uma padaria e pega um pão, é pego e condenado, e, entre várias tentativas de fugas e capturas, passa dezenove anos preso. Observamos que esse último fato está presente nas duas adaptações. A obra de Angeli não fala sobre a irmã de Jean Valjean e os seus sobrinhos: “nunca mais soube das crianças nem de sua irmã [...]” (Angeli, 1988, p. 15).

Walcyr apresenta os capítulos, sumário e quem era o narrador principal do romance. Nesta adaptação percebemos um acréscimo em relação ao desfecho da história sobre a irmã e os sobrinhos de Jean, no tocante à Angeli:

Uma vez apenas, no quarto ano de sua pena, ouviu notícias de sua irmã por alguém que os conhecia. Vivia em Paris com apenas um dos filhos, o menino mais novo. Dos outros, nada se sabia. A irmã trabalhava todos os dias como operária. Deixava o filho numa escola. Mas, como essa só abria mais tarde, o menino ficava esperando no frio [...] (Carrasco, 2001, p. 26).

Fazendo uma análise entre as duas obras, quanto ao quesito acrescentar, em Angeli, o enredo é dividido por temas e biografia do autor; inicia o romance com o bispo e, em sequência, foca na chegada do protagonista, não relatando que fim teve a irmã e sobrinhos de Jean Valjean. Já Walcyr opta por apresentar capítulos e sumário, destacando quem era o narrador principal do romance. Em Walcyr observamos um acréscimo acerca do desfecho da história sobre a irmã de Valjean: que ela foi vista em Paris, em sua companhia um filho (o mais novo). Ainda, apresenta notas de rodapé com informações sobre os personagens. Como podemos compreender, os autores tratam do enredo acrescentando informações diferentes.

A segunda premissa (“adaptar é substituir”) dá-se quando os narradores nomeiam os personagens de modo diferente nos dois romances. Observamos que os autores substituíram os nomes dos personagens, por exemplo: Na obra de Angeli, a cidade é denominada de Dignes e o protagonista chama-se Jean Valjean. Ao chegar em Montreuil – sur – mer, passa a chama-se Madaglena, como observamos no seguinte trecho: “um desconhecido chegara à cidade havia poucos anos e comprara a preço baixo uma dessas indústrias falidas. Seu nome era Madaglena e possuía recursos e uma capacidade empreendedora fora do comum”(Angeli, 1988, p. 24).

Em Walcyr, a cidade é denominada de Digne e o forasteiro é chamado também de Jean Valjean. Chegando à cidade de Montreuil – sur – mer é denominado de Madeleide:

Pouco se sabia sobre ele. Contava-se que chegara com pouco dinheiro no bolso, não se sabia de onde. Seus trajes e o modo de falar eram de um simples operário. No dia de sua chegada, houvera um incêndio na Prefeitura. Arriscando a própria vida, o homem salvou duas crianças no meio das chamas. Eram os filhos do chefe de polícia. Devido a esse ato de heroísmo, ninguém fez questão de ver sua identificação. So depois souberam que se chamava Madeleide (Carrasco, 2001, p. 39).

A irmã que cuida de Fantine é denominada de Simplicia na adaptação de Angeli: “– Apesar de ter passado uma noite tranquila, ela está muito mal – sussurrou irmã Simplicia ao ouvido do prefeito” (Angeli, 1998, p. 41). Na adaptação de Walcir a freira chama-se Simplicio, a enfermeira responsável por cuidar de Fantine: “Na tarde seguinte, foi vê-la na enfermaria. Chamou a irmã Simplicio, uma freira que se havia aperfeiçoado à doente. Pediu que cuidasse bem de Fantine [...]” (Carrasco, 2001, p. 52).

No texto de Angeli, o filho do coronel Jorge Pontmercy, e neto do senhor Gillenermond, é chamado de Mário Pontmercy, estudante de advocacia que mais tarde encontra Cosette e se apaixona. É salvo por Valjeane, depois de ter sido atingido em um confronto, termina casando-se com a sua amada: “Mário Pontmercy vivia em Paris na casa de seu avô materno, o velho senhor de Gillenermand. Faltava pouco para ser diplomar-se advogado” (Angeli, 1998, p. 66). Já o neto do senhor Gillenermondé denominado, na adaptação de Walcyr, de Marius: “um rapaz muito pobre vivia na antiga casa de cômodos onde moravam Jean Valjean e Cosette. Chamava-se Marius [...]” (Carrasco, 2001, p. 76).

Assim, verificamos que Angeli e Walcyr fizeram uso de nomes diferentes para alguns personagens e/ou os substituíram. Seguindo essa sequência, o protagonista apresenta-se nos dois enredos, primeiramente como Jean Valjean e, depois de começar uma nova vida em outra cidade, passa a chamar-se Madaglena - Madeleide, o menino da moeda é chamado Gervásio – Gervais, o barão recebe o nome Mário - Marius e a irmã Simplicia tem o nome de Simplicio, o que mostra que há diferenças entre as duas adaptações.

LEITURA DE ADAPTAÇÕES DE *OS MISERÁVEIS* NA SALA DE AULA

Segundo Cortázar (2008), o conto é comparado a uma fotografia por ela ser menor e o romance a um cinema, por apresentar mais fatos. Logo, a extensão do romance pode ser um desafio para o leitor, especialmente quando se trata de obras clássicas, por isso a adaptação pode ser uma alternativa para atrair o leitor infantojuvenil.

O primeiro capítulo do livro *Por que ler os clássicos*, de Ítalo Calvino, apresenta dez razões para (re) ler os clássicos: “os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si, os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na

linguagem ou nos costumes)” (Calvino, 2007, p. 10-11). Em *Os Miseráveis*, percebemos justamente um retrato da cultura da sua época, por isso corroboramos a ideia de que um clássico é atemporal e atual.

O método recepcional (composto por cinco etapas) é uma forma de sequência didática organizada e gradual, que envolve gêneros literários e não literários com o objetivo de focar no ponto de vista do leitor acerca do texto literário. Consiste em formar leitores trazendo reflexões sobre as aprendizagens de leitura, no sentido de fruição, de prazer, do aluno sentir-se pertencente àquele momento. Diante da importância de trabalhar a leitura literária em sala de aula, propomos uma sequência de aulas com o método recepcional, presente no livro *Formação do leitor*(1988), de Bordini e Aguiar.

1ª etapa: **determinação do horizonte de expectativas**. A partir das próprias experiências de leitura dos discentes sobre o que eles consideram como valores, crenças, estilo de vida, moral e demais valores constituídos na sociedade, daremos início ao planejamento, de modo que

características desse horizonte podem ser constatadas pelo exame das obras anteriormente lidas através de técnicas variadas, tais como: observação direta do comportamento, pelas reações espontâneas a leituras realizadas, ou através da expressão dos próprios alunos em debate, discussões, respostas a entrevistas e questionários, papel em jogos, dramatizações e outras manifestações quanto a sua experiência das obras. O professor poderá, ainda, examinar as movimentações de títulos através de fichas da biblioteca ou das leituras espontâneas ou comentários sobre obras em situações informais, escolhas de livros em biblioteca de classe e salas de leitura, histórias cuja narração é repetidamente solicitada pelas crianças, poesias utilizadas em jogos e brincadeiras etc.(Bordini; Aguiar, 1988, p. 88).

Segundo as autoras, esse processo consiste em partir do conhecimento prévio do aluno e traçar o seu perfil por meio de um teste de sondagem previamente promovido pelo professor, antes de propor essa oficina.

2ª etapa: **atendimento do horizonte de expectativa**. Neste momento, o professor apresentará o texto aos discentes, a partir do interesse demonstrado por eles quanto aos temas. É o momento de o professor ler o texto e

[...] proporcionar à classe experiências com os textos literários que satisfaçam as suas necessidades em dois sentidos. Primeiro, quanto ao objetivo, uma vez que os textos escolhidos para o trabalho em sala de aula serão aqueles que correspondem ao esperado. Segundo, quanto às estratégias de ensino, que deverão ser organizadas a partir de procedimentos conhecidos dos alunos e de seu agrado (Bordini; Aguiar, 1988, p.88).

3ª etapa: **ruptura do horizonte de expectativa**. Além do texto principal, é hora de apresentar outro texto com a mesma temática ou outro gênero textual para promover a intertextualidade. É importante trazer textos da própria vivência dos discentes, mas outros que tratem da mesma temática, para que observem como as obras podem se materializar de diversas formas. Assim, “o importante é que os textos desta etapa

apresentem maiores exigências aos alunos, seja por discutirem a realidade desautorizando as versões socialmente vigentes, seja por utilizarem técnicas compositivas mais complexas” (Bordini; Aguiar, 1988, p. 89).

4ª etapa: **questionamentos do horizonte de expectativa.** Nesse momento, em relação aos textos apresentados, o discente faz suas interpretações com base nos conhecimentos prévios. Nesse sentido, “este é o momento de os alunos verificarem que conhecimentos escolares ou vivências pessoais, em qualquer nível, do religioso ao político, proporcionaram a eles facilidade de entendimento do texto e/ou abriram-lhe caminhos para atacar os problemas encontrados” (Bordini; Aguiar, 1988, p.90). A partir daí, o professor propõe uma atividade que contemple as impressões que os discentes tiveram dos textos.

5ª etapa: **ampliação do horizonte de expectativa.** Esse é o momento de o professor não interferir de forma direta e objetiva quanto a como prosseguir diante das etapas anteriores. Nesta etapa os discentes se auto avaliam em relação aos textos lidos. Feito isso, o docente sugere de modo indireta e subjetivo e/ou apresenta leituras de outros textos para que os alunos reflitam sobre a leitura literária e tornem-se apreciadores da Literatura.

[...] os alunos, essa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura. [...] com o aprimoramento da leitura numa percepção estética e ideologia, mas aguda e com a visão crítica sobre sua atuação e a de seu grupo, o aluno torna-se agente de aprendizagem, determinando ele mesmo a continuidade do processo, num constante enriquecimento cultural e social (Bordini; Aguiar, 1988, p. 91).

Esta etapa final sugere aos discentes iniciarem o seu próprio processo de aprendizagem de leitura e, assim, tornarem-se agentes do seu conhecimento, proporcionado a partir da Literatura.

Neste artigo, propomos uma sequência de oficinas para abordar o gênero literário romance em uma turma de 3º ano do Ensino Médio. Recorremos ao método recepcional como norteador para realizar a leitura de duas adaptações de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, produzidas por José Angeli e Walcyr Carrasco. Para isso, sugerimos que a leitura das duas obras seja realizada com antecedência (cerca de um mês), sob a orientação do professor, que acompanhará os discentes à medida que a leitura ocorra, construindo um diário de leitura.

Objetivo geral: valorizar a leitura das adaptações na sala de aula.

Objetivos específicos:

- Ler e discutir duas adaptações do romance *Os Miseráveis*, no 3º ano do Ensino Médio;

- Registrar as impressões sobre o texto lido em um diário de leitura e discuti-lo em sala de aula;
- Comparar as obras lidas com o filme *Os Miseráveis*;
- Divulgar a experiência de leitura das adaptações da obra *Os Miseráveis*, por meio da produção de podcasts a serem postados na rede social *TikTok*.

Metodologia:

Sugerimos a leitura, no 3º ano do ensino médio, de duas adaptações da obra *Os miseráveis*, de Victor Hugo, escritas por José Angeli e Walcyr Carrasco; esse processo pode ser realizado em um bimestre ou trimestre, a depender do planejamento do professor. O nosso objetivo principal é a leitura das duas obras, que será feita de forma integral, além da discussão e de uma breve análise comparativa entre os textos, partindo do conhecimento prévio e de mundo dos discentes.

Segundo Bordini e Aguiar (1988), o Método Recepcional consiste nas seguintes etapas: **determinação do horizonte expectativas**, que constitui-se a partir do conhecimento prévio do aluno, a fim de traçar o seu perfil; **atendimento do horizonte de expectativas**, na qual propomos a leitura da obra de forma integral; **ruptura do horizontes de expectativas**, em que sugerimos trabalhar a intertextualidade a partir de outros textos; **questionamento do horizonte de expectativas**, quando é sugerido aos discentes atividades a partir das percepções do texto e a **ampliação do horizonte de expectativas**, momento em que o docente estimula a realização de outras leituras.

1º passo: o professor pode iniciar a aula pedindo que todos formem um círculo, depois, inicia a aula com uma breve roda de conversa informal sobre o gênero romance, por meio de questionamentos como: o que seria um romance? Vocês já leram algum romance? Se sim, como foi essa experiência que teve? Pode compartilhá-la? Era uma obra adaptada? O que vocês entendem por adaptação? O docente ainda pode fazer perguntas além dos textos, tais como: vocês têm acesso a internet? Quem já ouviu e/ou produziu um podcast? E a rede social TikTok? Vocês utilizam? Esse momento é importante para conhecer o nível de leitura dos discentes e apresentar os autores e o romance *Os Miseráveis*. O imprescindível, nessa fase, é ouvir o aluno.

2º passo: nesse momento é sugerida a leitura do texto, (lembrando que por se tratar de um romance e da sua extensão, o docente já sugeriu aos discentes, previamente, a leitura). O professor lança uma dinâmica com balões, referente ao número de discentes na turma, nas cores vermelha e azul, contendo dentro os nomes dos autores enumerados. Por exemplo: nos balões azuis o nome do autor José Angeli e nos balões da cor vermelha o nome de Walcyr Carrasco. O professor pode dividir a turma em dois grupos, em seguida, entregar os balões numerados com os números ímpares e pares e pedir que todos encham os balões para estourar e, quando for solicitado, procurar proteger o conteúdo do balão. Dando prosseguimento à aula, o docente divide a turma e pede que cada um, de acordo com o autor e o número que estava dentro da bexiga escrito no papel, leia o seu diário de leitura (se desejar), pois trata de um gênero textual subjetivo, pessoal e íntimo, ou, apenas, relate como foi a sua experiência de leitura. Após a discussão das percepções da obra, com base nas suas próprias

impressões obtidas durante a experiência de leitura e depois todos socializarem as suas vivências de leitura, o docente pode propor a discussão das duas adaptações, levando em consideração o que os alunos sentiram e entenderam, indagando-os a refletirem sobre o que foi lido. É possível, ainda, propor a leitura da outra adaptação que o aluno não leu, caso deseje ou sinta instigado a fazê-la.

3º passo: nesta etapa, os discentes assistirão ao filme *Os Miseráveis*, para que o comparem às adaptações lidas. Nesse momento, sugerimos que o professor discuta com os textos, pedindo que apontem os pontos comuns e diferentes entre as três obras. O docente, também, pode promover e indicar a leitura do texto original, para que os alunos descubram qual obra se aproxima mais dela. Essa leitura não será obrigatória, por isso, somente os alunos que desejarem irão realizá-la, visto que o foco deste trabalho é a leitura de adaptações.

4º passo: nessa etapa, sugerimos que o professor pergunte aos alunos se eles conhecem e sabem produzir podcast e se costumam divulgar algum vídeo na rede social TikTok. Se a maioria ou uma parte da turma não souber, pode ser exibido um vídeo (tutorial) que ensine como produzir o gênero e como utilizar essa rede social para fazer e postar vídeos. Em seguida, o docente pode pedir aos discentes para produzirem um podcast relatando a sua experiência de leitura das adaptações do romance *Os Miseráveis*, utilizando a ferramenta de postagem da rede social TikTok.

5º passo: sugerir outras leituras dos autores José Angeli e de Walcyr Carrasco e/ou adaptações de clássicos, pois pode ser um caminho para que o aluno desenvolva o gosto pela leitura literária de diferentes autores e de obras adaptadas, como *O Corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo, a adaptação de *Dom Quixote*, realizada por José Angeli, *O Irmão Negro*, de Walcyr Carrasco etc. É fundamental que o professor continue a incentivá-los no processo de leitura de outras adaptações de obras clássicas e de postagem nas suas redes sociais, como o TikTok, relatando as impressões de cada texto lido a fim de que outros jovens se interessem pela leitura.

Recursos didáticos: livros físicos e indicação de sites para download, internet, datashow, notebook, celular.

Avaliação: com base em uma avaliação contínua, o professor deve acompanhar todo esse processo de ensino e aprendizagem, promovendo a participação dos alunos, de modo que sejam os protagonistas desse processo. Além disso, observando o envolvimento, compromisso e a participação de cada aluno no trabalho realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho sugere algumas possibilidades metodológicas para que o professor promova a leitura literária de obras adaptadas dos clássicos na escola, obras que possibilitam ao leitor um contato com clássicos, a partir de textos acessíveis, recentes, com um volume mais condensado e linguagem mais atual, proporcionando uma leitura mais fluída e atraente, principalmente para o público infantojuvenil.

Quanto à análise das adaptações, verificamos que elas se aproximam por apresentarem o enredo do romance original de forma semelhante, mas se distanciam ao mudar os nomes dos personagens e focarem em fatos diferentes. Assim, notamos que ambas acrescentam e diminuem (Bohm, 2004).

Por fim, acreditamos que uma sequência de aulas baseadas no método recepcional é mais uma possibilidade para o docente promover a leitura literária em sala de aula, partindo do conhecimento prévio e de mundo do aluno, bem como das suas expectativas, principalmente da experiência de leitura do próprio discente. Assim, o professor pode utilizar diferentes métodos na mediação do conhecimento, promovendo uma aprendizagem significativa e fomentando gosto pela leitura, com objetivo de formar leitores.

Quanto ao podcast e a rede social TikTok, são ferramentas digitais utilizadas por vários jovens, logo, fazem parte da sua realidade e não podem ser ignoradas na escola. Por essa e outras razões, é relevante que o professor trabalhe com essas alternativas em sala de aula, pois são atividades que atraem e envolvem a turma, sobretudo ao promover a leitura literária por meio das adaptações e dos clássicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Kelly Sheyla Inocência Costa. **Dos contos de fada às peças de Maria Clara Machado:** entre pergaminhos, palimpsestos e a sala de aula. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal da Paraíba. 2010.

ANGELI, José Sobrinho. **Os miseráveis:** adaptação em português. São Paulo: Spicione, 1998.

BOHM, Gabriela Hardtke. Peter Pan para crianças brasileiras: a adaptação de Monteiro Lobato para a obra de James Barrie. In: **Leitura e literatura infanto-juvenil:** memória de Gramado. São Paulo: Acadêmica/ ANEP, 2004.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura:** a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CARRASCO, Walcir. **Os miseráveis.** São Paulo: FTD, 2001.

CORTÁZAR, Julio. Valise de cronópio. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. **Organização de Haroldo de Campos e Davi Arrigucci Jr.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil:** introdução geral. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.



FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários**: uma história de leitura no Brasil. Tese (Doutorado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2009.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**: texto integral. Tradução: Regina Célia de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, vol. I, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ZILBERMAN, Regina. Resignifica Walcyr Carrasco. **A nova edição dos contos de Perrault**. Cad. Trad. (Florianópolis, Online), V. 36, nº 1, p. 175-193, jan-abr/2016